



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO. CEP 20940-040  
RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL  
Tel.: 55 (21) 2568-9642 - fax 55 (21) 2254.6695  
www://ppgasmuseu.etc.br  
e-mail: [ppgasmn@gmail.com](mailto:ppgasmn@gmail.com)

**Curso:** MNA-736/836 Movimentos Sociais (S) Ou  
MNA-705/805 Antropologia das Sociedades Complexas (AS) (M e D)

**Professores:** Moacir Palmeira

**Nº de Créditos:** 03

**Período:** 1º Semestre de 1983

**Horário:** 2ª Feira, 9:00 – 12:00 horas

**Local:** Sala de Aula do PPGAS

### **Ementa**

Em que pese a importância atribuída à presença do Estado na própria definição da categoria camponês, quando se trata de analisar a participação ou a atuação dos camponeses na política, os antropólogos transferem essa tarefa a outros cientistas sociais, de preferência, aos historiadores. Essa curiosa divisão de trabalho fica patente na delimitação estabelecida por Eric Hobsbawm: “The politics with which we are concerned in this paper are those in which peasants are involved with the larger societies of which they form part. That is to say the relations of peasants with other social groups, both those which are their economic, social and political ‘superiors’ or exploiters and those which are not, workers, for instance, or for that matter other sections of the peasantry, and with more comprehensive institutions or social units – the government, the national state. I shall not be concerned with the kind of micro-politics which fill so much of the horizon of villagers, as they do of students, professors and others inhabitants of closed or partly closed little worlds”. E ainda mais claro na patética indagação de Eric Wolf, um antropólogo que empreendeu um amplo estudo sobre o envolvimento camponês em revoluções contemporâneas: “Why should an anthropologist undertake to write on this subject?” – e na principal justificativa que apresenta: “the anthropologist is greatly aware of the importance of groups which mediate between the peasant and the larger society of which he forms a part”.

Não é por acaso que o limite máximo das indagações dos antropólogos sobre as relações políticas do campesinato é a questão dos mediadores. Mais do que uma consequência da concepção do campesinato como part-society, resulta de uma visão

especializada e reificada da organização social camponesa. Esta é concebida como um conjunto de círculos concêntricos que vão da unidade familiar doméstica, passando por formas intermediárias de sociabilidade até a aldeia ou a algum agrupamento de aldeias, que constituiria uma espécie de linha divisória entre essas micro-sociedades homogêneas e a sociedade mais ampla. Aquém dessa linha está o mundo da subsistência, da igualdade e da ausência de política. Além, está o mundo do mercado, da desigualdade e da política. Entre os dois, os mediadores. Ou é isso, ou é a negação de qualquer especificidade.

Entretanto, quaisquer que sejam as inconveniências dessa visão geográfica das relações políticas, o problema maior ainda não é esse. O grande problema é que a divisão de trabalho que se estabelece impossibilita que a análise do campesinato na “grande política” incorpore o conhecimento da organização social camponesa. O eixo da análise da “grande política” é a “ação de classe”. O modelo de análise da organização camponesa é a “pequena comunidade” redfieldiana. As questões suscitadas por um e outro não se tocam. A propostas de Shanin de tratar o campesinato simultaneamente como part-society e como classe, ao mesmo tempo que é uma tentativa de enfrentar a questão, significa também o reconhecimento do paralelismo. Quando se trata de pensar o campesinato na política, as questões colocadas dizem respeito a ser ele ou não uma classe social, a ser ou não capaz de tomar consciência dos seus interesses, de ser ou capaz de agir como classe, a ser ou não capaz de tomar o poder e nele se manter, etc. Os refinamentos em termos de diferenciação interna, de tipologias de ação, de contextualizações históricas ou em termos de relações sociais não rompem com os pressupostos básicos desse tipo de análise.

Parece-nos que para se sair desse círculo, há que se questionar, por um lado, o pressuposto da homogeneidade da organização social camponesa e, por outro, a seqüência classe-interesse de classe – consciência de classe – ação de classe, e a identificação ação política – ação de classe. Uma série de estudos, de origens, inspirações e objetos diferentes, sugere novas perspectivas no encaminhamento do problema, abordando o tema “transversalmente” ao ter que buscar formulações capazes de darem conta de questões que não cabem nas modalidades de análise que vimos. De como as relações políticas podem moldar a identidade social de uma classe excluída da política; de como uma classe excluída da política pode ser objeto de ações e disputas políticas; como pensar a ação política contínua de organizações camponesas são exemplos de algumas dessas questões.

O curso é um convite a também pensarmos “transversalmente” o problema. O caminho sugerido é a análise cuidadosa de alguns textos que abordam a ação de classe do campesinato ou outras modalidades de inserção dos camponeses nas relações políticas. Nossas questões devem surgir dessa análise e das experiências de pesquisa e leitura de cada um. O ritmo do curso e eventuais mudanças de rota dependerão de acertos coletivos.

1ª sessão: Apresentação de curso

2ª sessão: Camponeses e política

HOBBSAWN, Eric – Peasants and Politics. The Journal of Peasant Studies, vol. 1, nº 1, oct. 1973, pp. 3-22.

SHANIN, Teodor – Peasantry as a Political factor. In Peasants and Peasant Societies, Shanin (ed.), Harmondsworth: Penguin Books, 1971, pp. 238-263.

TEPICHT, Jerzy – A Project for Research on the Peasant Revolution of our Time. The Journal of Peasant Studies, vol. 2, nº 3, April 1975, pp. 257-269.

3ª sessão: A ação política do campesinato (1): condições, implicações.

WOLF, E. Peasant Wars of the Twentieth century. London, Faber and Faber, 1971, pp. xiii-xix; 276-302.

HUIZER, Geritt – Peasant Rebellion in Latin America. Harmondsworth, Penguin Books, 1973, caps. 6 e 7 (pp. 103-162).

4ª sessão: A ação política do campesinato (2):

ALAVI, Hamza. Paysans et Révolution. Les Temps Modernes, ano 28, nº306, jan. 1962, p.1026-1072.

BIANCO, Lucien – Peasants and Revolution: the case of China. The Journal of Peasant Studies, vol. 2, nº 3, April 1975, pp. 313-335.

5ª sessão: A ação política do campesinato (3):

MOORE, Barrington (Jr.) – Social Origins of Dictatorship and Democracy. Boston: Beacon Press, 1967, caps. VII, VIII e IX, pp. 413-483.

6ª sessão: Campo político, participação e identidade camponesa

BOURDIEU, Pierre – La Réprésentation Politique. éléments pour une théorie du champ politique, Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº36-37, février 1981, pp. 3-24.

– Décrire et prescrire. Not sur les conditions de possibilité et les limites de l'efficacité politique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº 3, mai 1981, pp. 69-73.

– Une classe objet. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº 17-18, nov. 1977, pp. 2-5.

GRIGNON, Claude. Le paysan inclassable. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº4, 1975, p.82-87.

7ª sessão: O campesinato como objeto e lugar de lutas políticas

GRIGNON, Claude. L'enseignement agricole et la domination symbolique de la paysannerie. Actes de la Recherche, nº1, 1975, p. 75-97.

MUEL, Francine – Les instituteurs, les paysans et l'ordre agricoles. In, DARRAS, Le Partage des Bénéfices. Paris: Minuit, 1966, pp. 255-273.

MARESCA, Sylvian – La représentation de la paysannerie: remarques ethnographiques sur le travail de representation des dirigeants agricoles, Actes de la Recherche nº 38, mai 1981, pp. 3-18.

8ª sessão: Questões e indicações sobre o tema das ações políticas dos camponeses

HOBBSBAWN, Eric – Peasant Land Occupations. Past and Present, nº 62, febr., 1974, pp. 120-152.

RAMBAUD, Placide – Les agriculteurs polonaise à la conquête de leur identité, Actes de la Recherche nº 41, févr. 1982, pp. 47-59.

PALMEIRA, Moacir – Diferenciação social e participação política do campesinato, 1975 (mimeo).

9ª a 15ª sessões: Discussão de alguns trabalhos recentes.